

NO ÍNICIO ERA O VERBO

Luiz Gonzaga de Alvarenga¹

¹ Professor aposentado da UNIFAN – Faculdade Alfredo Nasser de Goiânia. Membro da Academia Goianiense de Letras. Contato: luizgonzaga.alvarenga@gmail.com.

Recebido em: 06/12/2018 – Aceito em: 30/07/2019

Resumo: Esta monografia é uma exposição resumida do início das línguas (faladas e escritas), mostrando como elas se mesclam com os antigos mitos da criação, conforme os relatos das antigas tradições dos povos..

Palavras-chave: História. Linguística. Línguas. Bíblia.

Abstract: This monography is a brief exposition of the beginning of languages (spoken and written), showing how they blend with the ancient myths of creation, according to the accounts of ancient peoples' traditions.

Keywords: History. Linguistics. Languages. Bible.

1. Relatos da Criação

Conforme a Bíblia relata extensamente no Gênesis, Deus usa a *Palavra* (o *Verbo*) para realizar a Criação: “Haja ...”. Então, a *palavra* surge desde o momento inicial do Mundo. E quando Deus dirige-se ao Homem, o faz usando uma linguagem: “E ordenou o SENHOR Deus ao homem, dizendo: De toda a árvore do jardim comerás livremente. Mas da árvore do conhecimento do bem e do mal, dela não comerás; porque no dia em que dela comeres, certamente morrerás.” (Gênesis 2:16-17).¹

Em dois quadros renascentistas pintados por Lucas Cranach, o Velho (1472 – 1553), ambos representando Eva oferecendo a maçã a Adão, a maçã é representada como o fruto proibido² e como uma metáfora da expulsão do primeiro casal do Jardim

¹ Em outro episódio bíblico (Gênesis 2, 19-20), Deus cria animais (do campo – em hebraico transliterado, *chayyah hassadeh*) e aves (do céu – em hebraico, *oph hashamayin*), e insta a que Adão os nomeie a todos. Isto, naturalmente, pressupõe que Adão falava uma língua. Evidentemente, seria impossível a um único indivíduo dar nome a todos os seres que pertencem ao reino animal, mesmo que, presumivelmente, existissem em menor quantidade nesta “época”. Ainda assim, o número total subiria a centenas de milhares. Mesmo na atualidade, estima-se que, de um número total que varia (segundo os vários pesquisadores) entre cinco e 50 milhões de espécies de animais e plantas, menos de dois milhões foram catalogados (ou seja, nomeados) segundo o sistema de classificação (taxonomia) criado pelo naturalista sueco Lineu (Carolus Linnaeus, ou Carl Von Lineu: 1707–1778). Mas há uma outra forma de “nomear”. De acordo com as pesquisas de Robert Lawlor sobre os aborígenes australianos, eles descrevem uma cosmogênese (no *tempo dos sonhos*) na qual a consciência (de seus ancestrais) exteriorizava os sonhos e pensamentos em formas e matéria, e à medida que seus sonhos se expressavam em plantas e animais, eles estabilizavam esta criação especificando-os ou nomeando-os, assim garantindo a sua existência. (LAWLOR, Robert. *Voices of the First Day: Awakening in the Aboriginal Dreamtime*. Ed. Inner Traditions, EUA, 1991).

do Éden. Nas pinturas, Eva³ está próxima à serpente, o que indica sua ligação com o mal e o papel de principal culpada no pecado original.⁴ Ela segura a maçã que entrega a Adão, assim como a sua própria.



Lucas Cranach

² O uso da maçã em pinturas desse tipo era uma representação simbólica muito comum na época medieval e renascentista. (Ver: http://www.revistamirabilia.com/nova/images/numeros/01_2001/08.pdf).

³ Eva era primitivamente chamada de *Aixha*, e depois de *Hecah* ou *Chavah*.

⁴ Este contexto, não é preciso dizer, deixa furiosas as feministas, que não aceitam esta interpretação (ver, p. ex.: <http://www.velhosamigos.com.br/Autores/LeonardoBoff/LeonadoBoff4.html#feminista>). Por outro lado, as feministas deleitam-se com a lenda de Lilith, uma personagem bíblica muito pouco citada. As tradições talmúdicas a descrevem como a primeira mulher de Adão. Ela reivindicou liberdade para agir, escolher e decidir, ou seja, queria ter os mesmos direitos (afirma-se até que ela recusava ficar por baixo, nas relações sexuais). Adão, inconformado com essa ousadia, recusou seu pedido. Lilith, ao perceber que não teria esse status de igualdade, rebelou-se e decidiu abandoná-lo. Segundo a tradição hebraica, ela teria fugido para o Mar Vermelho, onde se tornou esposa de Samael, o Senhor das forças do Mal, ou Senhor do *Outro Lado*. Como consequência, deu à luz toda uma descendência demoníaca, conhecida como *Liliotes* (ou *Linilins* ou *Lilins*), espíritos noturnos femininos que atacam os homens (entretanto, de acordo com o Zohar hebraico, das relações sexuais entre Adão e Lilith – que também era chamada de *Heva-serpente* – teriam nascido legiões de *larvas astrais*, *súcubos* e *elementares*). Lilith, de acordo com os folclores assírio, babilônico e hebraico, assumiu plenamente a sua natureza demoníaca e se voltou contra todos os homens. Ela não foi, no entanto, a única esposa de Samael, que tinha outras três companheiras: Aggarath, Nahemah e Mochlath. Sob o ponto de vista da psicanálise e da psicologia analítica, o mito de Lilith representa o inconsciente humano, o lado oculto e desconhecido da mente (chamado *Lua Negra-Lilith*), repleto de impulsos instintivos transgressores e eróticos que são negados ou reprimidos pela consciência. Este mito, então, representa um desafio a que se proceda à reintegração da *anima* e do *animus* que reconduza o *homem* (a humanidade, ou homens E mulheres) à sua integridade original (arquetipo total), e assim elimine as barreiras para um relacionamento perfeito e ideal entre consciente–inconsciente/instinto, e consequentemente, entre os sexos.

Fica então perfeitamente claro que o primeiro casal se comunicava entre si e com Deus através de uma *linguagem*, que seria a linguagem original.

2. O Relato Chinês da Criação

De acordo com os autores Kang, Nelson e Broadberry,⁵ de uma maneira surpreendente, uma fonte que supostamente corrobora o episódio adâmico do Jardim do Éden é encontrada na língua chinesa, mais especificamente em seus caracteres. A escrita chinesa não é alfabética, e sua linguagem usa símbolos que tem sido usados por mais de 4000 anos. Deste modo, ela remontaria à época mítica na qual teriam acontecido os primeiros episódios bíblicos, e os seus caracteres ecoariam os eventos narrados em Gênesis. Isto também pode indicar o fato de que hebreus (judeus) e chineses teriam antepassados comuns, que viveram os mesmos fatos e os passaram aos seus descendentes.

A língua chinesa contém cerca de 600 símbolos, que são palavras básicas. Outras palavras podem ser formadas pela combinação desses símbolos básicos, e um símbolo pode ser adicionado a uma palavra, a fim de apresentar sua pronúncia.

Inicialmente, a palavra chinesa *tiên*, que representa um jardim com quatro canais de irrigação, assim como o Jardim do Éden. Conforme diz a Bíblia,

E plantou o SENHOR Deus um jardim no Éden, do lado oriental; e pôs ali o homem que tinha formado. E o SENHOR Deus fez brotar da terra toda árvore agradável à vista, e boa para comida; e a árvore da vida no meio do jardim, e a árvore do conhecimento do bem e do mal. E saía um rio do Éden para regar o jardim; e dali se dividia e se tornava em quatro braços. (Gênesis 2:8-10).



Jardim

A seguir, o caractere chinês para *proibição* ou *proibir*:

⁵ KANG, C. H. & NELSON, Ethel R. *The Discovery of Genesis* (disponível em: <http://www.bibleetnombres.online.fr/genesis.pdf>); NELSON, Ethel R. & BROADBERRY, Richard E. *Genesis and the Mystery Confucius Couldn't Solve*. (Ver: <http://www.cogwriter.com/news/old-testament-history/might-chinese-characters-provide-proof-of-the-bibles-witness-to-the-chinese/>). Ver também: <http://espanol.apologeticspress.org/rr/pdfs/0208res.pdf>).

E ordenou o SENHOR Deus ao homem, dizendo: De toda a árvore do jardim comerás livremente, Mas da árvore do conhecimento do bem e do mal, dela não comerás; porque no dia em que dela comeres, certamente morrerás. (Gênesis 2:16-17).

禁 林 示

Proibição = Árvores + Comando
Proibir (Divino)

Ora, a serpente era mais astuta que todas as alimárias do campo que o Senhor Deus tinha feito. E esta disse à mulher: É assim que Deus disse: Não comereis de toda a árvore do jardim? (Gênesis 3:1).

鬼 厶 儿 田

Serpente = Segredo + Pessoa + Jardim

E disse a mulher à serpente: Do fruto das árvores do jardim comeremos, Mas do fruto da árvore que está no meio do jardim, disse Deus: Não comereis dele, nem nele tocareis para que não morrais. (Gênesis 3:2-3).

果 木 田

Fruta = Árvores + Jardim

A palavra chinesa *lán* significa desejo ou ambição:

Então a serpente disse à mulher: Certamente não morrereis. Porque Deus sabe que no dia em que dele comerdes se abrirão os vossos olhos, e sereis como Deus, sabendo o bem e o mal. E viu a mulher que aquela árvore era boa para se comer, e agradável aos olhos, e árvore desejável para dar entendimento; tomou do seu fruto, e comeu, e deu também a seu marido, e ele comeu com ela. (Gênesis 3:4-6).

A importância de se identificar e interpretar os conflitos familiares presentes na história de Jacó também estaria no fato de que poderia contribuir no auxílio de atendimento clínico a pessoas religiosas ou que utilizam da Bíblia como referência para sua vida.

林 女 林

Desejo = Mulher + Árvores
Ambição

Então foram abertos os olhos de ambos, e conheceram que estavam nus; e coseram folhas de figueira, e fizeram para si aventais." (Gênesis 3:7).

裸 衣 木 田

Núdez = Vestimentas + Árvore + Jardim

Então Adão e Eva tiveram filhos, o mais velho deles se chamava Caim, e seu outro irmão se chamava Abel. "E aconteceu ao cabo de dias que Caim trouxe do fruto da terra uma oferta ao Senhor. E Abel também trouxe dos primogênitos das suas OVELHAS, e da sua gordura; e atentou o Senhor para Abel e para a sua OFERTA. Mas para Caim e para a sua oferta não atentou. (Gênesis 4:3-5).⁶

Caim irou-se contra Deus e matou a seu irmão Abel. Então Deus falou para Caim: E agora MALDITO és tu desde a terra, que abriu a sua BOCA para receber da tua mão o sangue do teu IRMÃO." (Genesis 4:11).

咒 口 兄

Maldição = Boca + Irmão mais
velho

⁶ Ainda que a história bíblica de Caim seja apresentada de uma forma tão dramática, de modo a aviltá-lo, por outro lado é a Caim que a humanidade deve o seu desenvolvimento e a sua civilização. Conforme afirma Sagan, "A civilização não se desenvolveu a partir de Abel, mas de Caim, o criminoso. A palavra 'civilização' deriva da palavra latina correspondente a cidade. O tempo de lazer, a organização comunitária e a especialização do trabalho nas primeiras cidades é que permitiram o surgimento das artes e da tecnologia, as quais consideramos a característica básica das civilizações. A primeira cidade, de acordo com o Gênese, foi construída por Caim, inventor da agricultura – uma tecnologia que exige residência física. E foram os seus descendentes, os filhos de Lamech, que inventaram tanto o 'trabalho com latão e ferro' quanto os instrumentos musicais. A metalurgia e a música – tecnologia e arte – originam-se de Caim. E as paixões que levam ao crime não se reduzem. Lamech diz: 'Pois eu matei um homem por me ter ferido e um jovem por me ter ofendido; se Caim for vingado sete vezes, Lamech o será 77 vezes'. A ligação entre crime e invenção nos tem acompanhado desde então. Ambos derivam da agricultura e da civilização." (SAGAN, Carl. *Os Dragões do Éden*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980, pp. 67-69).

A palavra chinesa *xiong* significa *irmão mais velho* (e também *homem cruel*, e *assassino*).



3. A Confusão das Línguas

Conforme se encontra em Gênesis 11:1, a comunicação inicial entre os homens⁷ se fazia através de uma única língua ou idioma, sendo que as diversas línguas faladas pelos povos surgiram posteriormente, após o episódio da Torre de Babel. Após o Dilúvio, os descendentes de Noé (ou *Nôach*) desejaram construir uma torre tão alta que alcançaria os céus, feito este que deveria perpetuar os seus nomes (Gênesis 11, 4-9).⁸ Tal propósito foi frustrado quando Deus fez com que sua língua única começasse a se diferenciar em várias, o que provocou um desentendimento entre eles.

Não apenas no relato bíblico, mas em muitos relatos de outros povos encontram-se menções a esta diferenciação de línguas. No mito sumério *O Encanto de Enki*⁹ encontra-se a seguinte passagem, a respeito da confusão das línguas:

Era uma vez, não havia cobras, não havia escorpiões,
Não havia hienas, não havia leões, não havia cães selvagens, não havia lobos,
Não havia medo nem terror, o Homem não tinha rival.
Era uma vez as terras Shubur e Hamazi, a Suméria de língua harmoniosa, a
grande terra das divinas leis dos principados,
Uri, a grande terra que tem tudo o que é próprio,
A terra Martu, que descansa em segurança,
O universo inteiro, o povo em uníssono,
A Enlil numa língua fizeram preces.

⁷ A História ortodoxa refuta qualquer tipo de iconoclastia que tente recuar a história conhecida para além de 4.000 a.C., e nada aceita senão a existência dos povos e sociedades que prosperaram na região do “Fértil Crescente”. Entretanto, o acúmulo de evidências tem mostrado que uma humanidade já povoava a Terra muito antes da época do Dilúvio. De acordo com a *Bíblia de Kolbrin*,* um misterioso livro encontrado na Inglaterra no século XII, o qual narra a História da Criação do Homem, já existiam seres inteligentes na Terra muito antes do advento de Adão e Eva [que seriam símbolos da Humanidade atual]. [* Também chamada “Bíblia de Bronze” ou “Livro de Bronze”. Download de arquivo PDF: https://ia802601.us.archive.org/20/items/pdfy-UYOlU_UlIMBrR3ju/The%20Kolbrin%20Bible.pdf. [O texto somente surgiu modernamente em 1992, sem referências anteriores, o que o torna suspeito para muitos especialistas].

⁸ Supostamente em 2200 a.C.

⁹ Ver: <http://pt.scribd.com/doc/93296294/tabuletas-sumerias>.

Mas então o senhor-pai, o príncipe-pai, o rei-pai,
Enki, o senhor da abundância, cujas ordens eram confiantes
Senhor da Sabedoria que vigia a terra, Senhor dos deuses,
Senhor de Eridu, dotado de sabedoria
Nas suas bocas trocou as palavras, instalou a discórdia,
Na fala do homem que havia sido única.

Na mitologia persa, Ahriman, espírito do mal, faz com que a linguagem única falada pelos homens se pulverize em trinta idiomas. No livro sagrado maia *Popol Vuh*, encontra-se o seguinte trecho “Aqui as línguas da tribo mudaram – sua fala ficou diferente (...) Ai! Esquecemos nossa fala”.

Também este episódio de confusão das línguas está representado na escrita chinesa, conforme se pode ver a seguir.

Após a expulsão de Adão e Eva do Jardim do Éden, sua prole e seus descendentes quase certamente deveriam falar uma língua original (e talvez única).

Posteriormente, a humanidade teria se multiplicado consideravelmente, e devido ao seu comportamento, Deus resolve destruí-la pelo dilúvio, poupando apenas Noé.

Quando o dilúvio estava para vir, instruído por Deus, Noé constrói a Arca, na qual ele entrou com a sua esposa, seus três filhos e suas três noras, juntamente com um par (ou sete pares) de todo tipo de animal.

E era Noé da idade de quinhentos anos, e gerou Noé a Sem, Cam e Jafé. Noé entrou na arca, e com ele seus filhos, sua mulher e as mulheres de seus filhos, por causa das águas do dilúvio. (Gênesis 5:32; 7:7).

Nos dias de Noé, enquanto se preparava a arca na qual poucas (oito) almas se salvaram pela água. (1 Pedro 3:20).

A palavra chinesa *chuan* significa *barco*:



Após o dilúvio, os homens novamente se multiplicaram e acharam um Vale na terra de Sinar, onde habitaram, e foi onde se deu o episódio da Torre de Babel.

A Torre de Babel pode ser encontrada na palavra chinesa *tga*, que significa *torre*:



É provável que todos os mitos e relatos acerca do episódio de Babel sejam adaptações de fatos reais, os quais tentam explicar tanto a Criação quanto a origem das línguas. Em todos os relatos nota-se um extenso uso da mitopoética¹⁰ para abreviar episódios que levaram, evidentemente, um vasto tempo para se desenrolarem.

A opinião corrente entre estudiosos é a de existiu, realmente, uma língua primordial, da qual derivaram todas as outras. Quanto ao episódio do Dilúvio Universal, ele também está coerente com a pesquisa histórica. A moderna arqueologia tem comprovado que de fato ocorreu algo catastrófico por volta de 10.000 a.C.,¹¹ época em que têm início os mais antigos relatos da história humana conhecida.

É uma obviedade o fato de que o falar veio primeiro que o escrever. O problema situa-se em descobrir *quando*, *onde* e *como* surgiram os primeiros falantes, ou seja, qual a origem da linguagem humana.

¹⁰ "... os mitos nos aparecem, simultaneamente, como sistemas de relações abstratas e como objetos de contemplação estética: com efeito, o ato criador que gera o mito é simétrico e inverso ao que se encontra na origem da obra de arte. Neste último caso, parte-se de um conjunto formado por um ou por vários objetos e por um ou por vários acontecimentos, ao qual a criação estética confere um caráter de totalidade, com pôr em evidência uma estrutura comum. O mito segue o mesmo percurso, mas noutro sentido: utiliza uma estrutura para produzir um objeto absoluto que ofereça o aspecto de um conjunto de acontecimentos (já que todo mito conta uma estória). A arte procede, por conseguinte, a partir de um conjunto: (objeto + acontecimento) e vai à *descoberta* de sua estrutura; o mito parte de uma estrutura, por meio da qual empreende a *construção* de um conjunto (objeto + acontecimento)." (LÉVI-STRAUSS, Claude. *O Pensamento Selvagem*. São Paulo: EDUSP, 1970, p. 47).

¹¹ As expressões: a.C. (antes de Cristo) e d.C. (depois de Cristo); AEC (Antes da Era Comum, ou Antes da Era Cristã); EC (Era Comum, ou Era Cristã, ou A.D. – Anno Domini, ou Ano do Senhor), são, todas, usadas para designar eras históricas. Neste texto serão usadas as duas primeiras formas.

Várias teorias foram lançadas tentando explicar esta origem, sendo que as principais (que tentam explicar o *como*) são as teorias da *onomatopéia* e a da *elaboração progressiva*.

Platão lançou a teoria da *onomatopéia*, segundo a qual as palavras buscam imitar os sons naturais. Esta teoria é discutida em sua obra *Cratilo*, na qual se discute as propriedades dos nomes, sob o ponto de vista da natureza ou da convenção.

A segunda teoria afirma que a linguagem articulada surgiu por uma elaboração progressiva da linguagem natural (que seria constituída basicamente por interjeições e gritos guturais).

Na obra de Rômulo de Souza¹² podem ser encontrados os seguintes trechos altamente significativos:

“Ter um nome significava para os povos antigos ‘existir’. O relato mesopotâmico da criação começa assim: ‘Quando os céus lá em cima ainda não tinham sido formados, e a terra lá em baixo não tinha nome...’ ‘os deuses começaram a existir; um nome foi dado para eles”.

...

“Moisés quer saber o nome desse Deus que diz conhecer o seu povo e que promete libertá-lo.

“QUAL O TEU NOME?

“EU SOU AQUELE QUE SOU”: EHIÉH ASHÉR EHIÉH.

...

“O verbo SER-EXISTIR (HAIÁH) é fundamental na estrutura mental da inteligência, em todas as línguas. Não se pode afirmar ou negar nada, sem supor esta forma verbal. É – NÃO É.

...

¹² SOUZA, Rômulo Cândido de. *Palavra, Parábola*. Aparecida, SP: Editora Santuário, 1990, pp. 105-107. O autor cujas palavras são citadas entre parênteses por Souza é um suposto rabino, Samuel Kruglikoff (Kruglikov), e a obra seria a transcrição de uma longa série de conversas entre os dois, anotadas pelo primeiro. As resenhas sobre a obra costumam afirmar que a figura do rabino seria apenas um recurso literário utilizado pelo autor, Rômulo Cândido de Souza.* Entretanto, no corpo da obra este se refere ao “hebreu russo”, nascido em Novodsibkoff (Novozibkov, cidade situada cerca de 500 km de Moscou) em 1898, filho de Marco e Raquel Kruglikoff. O rabino, que teria morado sucessivamente em dois endereços em São Paulo (Alameda Barros e Alameda Barão de Limeira), teria atuado na Casa de Cultura Hebraica (Casa de Cultura de Israel?), e teria falecido em sete de fevereiro de 1985 no Lar dos Velhos da Vila Mariana (Sociedade Religiosa Beneficente Israelita Lar dos Velhos?), SP, tendo sido sepultado com parte de seus preciosos livros. Este excesso de minúcias biográficas seriam tão somente licenças literárias? [* ARAÚJO SILVA, Mário Alves de. In: Revista Educação e Filosofia, jan./jun. 1993, pp. 215-218. Ver: <http://www.seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia>].

“HAIÁH (origem do NOME que Deus revelou na Sarça Ardente), significa em hebreu: SER – VIDA – SOPRO – HÁLITO – RESPIRAÇÃO.¹³

...

“... o HAIÁH hebreu exige um esforço especial da garganta. É preciso soprar para fora com ênfase o VENTO para pronunciar esta palavra. Aqui está a origem do nome que Deus revelou a Moisés: na onomatopéia e na expressão fisiológica universal do SOPRO e da RESPIRAÇÃO.

“[...] o som gutural AH – EH] é a marca por excelência das línguas semitas. Quando um semita fala, principalmente um árabe, não foge a ninguém a característica de sua língua, o som gutural. Mas não se trata apenas dum som. Trata-se dum ONOMATOPÉIA, e dum SÍMBOLO. Estamos diante de um SOM-SÍMBOLO, dum SOM-EXPRESSIVO-SUGESTIVO-CRIATIVO.

“HÁ – AH – HAIÁH: a onomatopéia do SOPRO, do HÁLITO e da RESPIRAÇÃO é das mais ricas na língua hebraica. Expressa centenas de idéias, desde um simples GEMIDO DE DOR (HAH) até as manifestações de AMOR, DESEJO, APETITE, PAIXÃO (IAHÁB – AHAB).

“Os conceitos que exprimem sentimentos da alma, paixões profundas que abalam e comovem todo o interior da pessoa, parecendo emergir do íntimo das ENTRANHAS, fazendo até mudar o ritmo da RESPIRAÇÃO, carregam em hebraico este som-símbolo-onomatopáico”.

...

“A língua chinesa também descobriu toda a força expressiva do SOPRO – RESPIRAÇÃO. Alguns dos sinais gráficos mais ricos em chinês são os que traduzem os sons ‘HÊI – HÁU’ que os eruditos chamam de ‘chave 34’ e ‘chave 84’, dentro dos 214 símbolos básicos de sua língua”.¹⁴

Todas estas considerações fazem parecer que, no desenvolvimento da articulação da fala, esta tanto aproveitou elementos onomatopáicos, como teve também uma progressiva elaboração a partir de seus elementos básicos.

¹³ “IAVÉH: o SER, o SOPRO, a RESPIRAÇÃO, o FÔLEGO, o AR, o VENTO, DEUS, a CAUSA dos SERES VIVOS.”

¹⁴ Outros textos apontam a existência de 250 até 600 símbolos básicos no chinês, chamados *radicais*, os quais representam imagens de objetos vivos ou da natureza em geral. Outras palavras podem ser formadas pela combinação desses símbolos básicos formando figuras mais complicadas. Um símbolo é adicionado a uma palavra, a fim de apresentar a sua pronúncia. Em 1958 a República Popular da China organizou outro sistema de romanização da escrita mandarim padrão e estabeleceu 58 símbolos, conhecidos como *pinyin* ou *hanyu pinyin* (escrita ortográfica). O *pinyin* é uma romanização, e não uma anglicização, ou seja, ele usa as letras latinas para representar sons no mandarim padrão.

O que é mais provável é que, em épocas bastante recuadas a comunicação humana, que ainda não era tonal,¹⁵ provavelmente começou usando sons guturais curtos (*unilíteros* e *bilíteros*).¹⁶

Joaquim José Marques vai neste sentido e cita¹⁷, da obra de Ernest Cargette, *Estudos sobre os tempos ante-históricos*,¹⁸ a tese segundo a qual as falas mais primitivas da humanidade seriam guturais, *unilíteras* e *bilíteras*.

A raça mais primitiva¹⁹ da humanidade (que Cargette denomina raça *Akita* e situa na época do *Mioceno*),²⁰ de pele negra, teria a gutural predominante representada pela letra *H*.

A raça que a sucedeu, denominada (segundo Cargette) raça *Adita*, era caracterizada pelas *dentais TH – T – D*.

A terceira raça, já no *Plioceno*, teria surgido quando Sol começou a aparecer através das camadas de nuvens que envolviam a densa atmosfera da Terra. A luz do Sol, surgindo entre as nuvens, trouxe a ideia de divindade, por isto a raça é caracterizada pela linguagem gutural ou lingual e pela letra *L*, indicativa da divindade: *Aelohim – Allah – El – Elim – Elohim – Eloah – Ilu, Helius, etc.*²¹

¹⁵ Em que o significado da palavra muda conforme a entonação utilizada.

¹⁶ Diz-se da voz ou do som que se emite pela garganta, que tem entonação rouca: voz gutural.

¹⁷ MARQUES, Joaquim José. *Origens das Línguas Neolatinas*. Rio de Janeiro: Typographia Central, 1882, pp. 2-13.

¹⁸ *Études sur les temps antehistoriques*, Baillièere et ce, 1888. (Ver: <http://archive.org/details/tudessurlestemp00caregoog>).

¹⁹ Primitiva no sentido cronológico, por ser a mais recuada no tempo. Apesar da rejeição e da crítica da ciência acadêmica oficial ao conceito de “raça” (este conceito foi definitivamente abandonado após o início do *Projeto Genoma*), é possível caracterizar a existência de pelo menos quatro raças distintas na história humana: a raça etíope (negra); a raça malaio-mongol (amarela); a raça ariana/caucasiana (branca); a raça indígena americana (vermelha). Na atualidade, a extensa miscigenação já não permite diferenciá-las com segurança. (Ver: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ra%C3%A7a>). “A noção tradicional de raça é, essencialmente, escolástica, isto é, as raças são consideradas como entidades físicas que podem ser nitidamente distinguidas com base na simples variação dos cabelos, dos olhos, da pele, das dimensões do corpo e das proporções. Mas os tipos físicos dos grupos humanos não são imutáveis. Mesmo quanto à constituição genética, já se demonstrou ter uma órbita de plasticidade. As linhas divisórias estão longe de serem nítidas.” (KLUCKHOHN, Clyde. *Um Espelho para o Homem*. Belo Horizonte, Itatiaia, 1963, p. 124).

²⁰ O Mioceno é a quarta época da era Cenozóica, e está compreendida entre cerca de 23 a 5 milhões de anos atrás. A ciência moderna não admite isso, porque, de acordo com as pesquisas a respeito do DNA mitocondrial, uma “Eva” primordial (cujos descendentes teriam gerado os atuais troncos populacionais em todos os continentes) teria surgido na África (continente negro) somente entre cerca de 250.000 e 60.000 anos atrás.

²¹ Os elementos *el* e *al* entram em muitos nomes *teofóricos**, tais como: Daniel; Elisabete; Elisa; Eliseu; Ezequiel; Gabriel; Isabel; Ismael; Joel; Miguel; Samael; Samuel; Rafael. Também em Abdala; Gamal; Hamal; Jalal; Jamal; Nidal; etc. [*Nome *teóforo* ou *teofórico* – do grego antigo Θεοφόρος, composto de Θεο- "Deus" e -φόρος "portador" – na onomástica, é todo nome que contém elementos alusivos a Deus ou a deidades. Algumas referências a Alá, vindas do árabe, deram

Com o início da era Quaternária surge a raça *Ária*, ou ariana, de pele branca, cuja letra característica é o *R*. De acordo com Carette, esta raça cruzou com a raça *Adita*, dando por resultado a raça *Abita*, de pele vermelha. A letra característica dessa raça (na linguagem labial) é o *V*, que evoluiu em *B, P, PH – F*.

Para Carette, a linguagem primitiva, unilítera, deve caracterizar cada fonema por uma autonomia própria, que revela uma ordem determinada de fatos ou ideias que serviram de base para formar as palavras das línguas históricas.

Assim, por exemplo, as letras:

M – caracteriza a ideia de *reunião, agrupamento*, e significa em fenício *água, mar, oceano*.²² *Am*, em fenício, hebraico e caldaico exprime a ideia coletiva de povo, grupo.

Esta letra tem caráter místico em todos os antigos idiomas, orientais e ocidentais, e seu signo representa em todos eles as ondas da água. Também nos esoterismos ariano e semita, é o símbolo das águas. Seu caráter sagrado é expresso nos inúmeros nomes em que é usada: Maia, Maitreya, Messiah, Metis, Mithra, Mimra, Mut, Minerva, Maria, Miriam, Mâdhava, Mâdhavi, Mandala, Mahat, Mandara, Manu, Mandâkimí, etc.

I – caracteriza isolamento, depressão. Em fenício designa *mão que aponta*. Em hebraico o fonema *in* significa ilha (isolada).

N – caracteriza a ideia de *casa, família, habitação flutuante*, Em fenício designa *peixe*.

S – caracteriza a ideia de *princípio, origem, fundamento*. Em fenício, significa *apoio, suporte, aliecerce*.

L – contém a ideia de *divindade*. Em fenício *agulhão, governo, subordinação, obediência*.

origem a algumas palavras do espanhol e do português, tais como: *ojalá/oxalá* – “queira Deus”; *olé* – “por Deus”; *hala* – “oh, Deus”.

²² A representação em fenício é  (que se lê *mem*, e tem o significado de *água*).

T – em fenício, significa *canga, obediência*.

Ao estado *unilítero* seguiu-se o *bilítero*, ou *silábico*. Os estado *trilítero* e *quadrilítero* marca a formação das palavras, que caracteriza as línguas semíticas.

Cada caractere de uma língua possui um significado autônomo.²³ Desse modo, a combinação das letras (e mesmo das palavras formadas) entre si leva a significados e interpretações que vão muito além do significado individual das letras ou das palavras em si.

A língua hebraica, por exemplo, é extremamente rica em interpretações desse tipo, e sua leitura traz uma multiplicidade de significados.²⁴ A frase inicial do Gênesis em hebraico

בראשית ברא אלהים את השמים יאת הארע

pode ser escrita de várias maneiras (transliteradas²⁵):

BE.RESHÍT. BARÁ ELOHIM ET HÁ.SHAMAÍM VE.ÊT HÁ.ÁRETS,

B'RASHITH BARA ELOHIM ETH HASHAMAVIM V'ETH H'ARETHS

B'RASH ITHBARA ELOHIM ETHHASHAMAVIM V'ETH' ARETS

De acordo com H. P. Blavatski, a interpretação exotérica (duas primeiras frases) remete ao significado ortodoxo:

NO PRINCÍPIO DEUS CRIOU OS CÉUS E A TERRA

enquanto que a terceira frase tem uma interpretação esotérica, cabalística:

DA ETERNA ESSÊNCIA A FORÇA DUAL FORMOU O DUPLO CÉU

²³ Este significado geralmente decorre do hieróglifo ou pictograma do qual ela deriva. Por exemplo, no idioma hebraico a primeira letra, א (Alef) significa *boi*; a segunda letra, ב (Beth) significa *casa*, e assim por diante.

²⁴ Esta análise (na língua hebraica) é denominada *gematria*, *guematria*, *quemátria*, *gimátria* ou *guimátria*. É o método hermenêutico de análise das palavras bíblicas escritas em na língua hebraica, pelo seu valor numérico.

²⁵ Chama-se *transliteração* o ato de transcrever os caracteres de outras línguas para a escrita em alfabeto latino.

De acordo com o livro caldeu *Sepher Yetzireh*, as quatorze primeiras letras explicam a “Criação”, sendo que cada uma das letras é uma frase, por si só.^{26 27}

Para Fabre d’Olivet (*The Hebrew Tongue Restored*), o versículo do Gênesis se traduz assim:

NO PRINCÍPIO DEUS, AELOHIM, O SER DOS SERES, PLANEJOU A EXISTÊNCIA POTENCIAL DOS CÉUS E DA TERRA, CAUSANDO TRANSMUTAÇÃO NA ESSÊNCIA ABSTRATA DE SEU PRÓPRIO SER

Para Souza (Kruglikoff), se traduz assim:

NO PRINCÍPIO DEUS SEPAROU O CÉU DA TERRA

E ele continua: “O escritor hebreu inspira-se em vários mitos, entre eles o mito egípcio que nos descreve o CÉU e a TERRA (NUT E GEB) como DOIS IRMÃOS ABRAÇADOS. Seu pai CHU os SEPAROU para criar o espaço e a luz. Este é o sentido primitivo da palavra ‘BARÁ’ que coincide etimologicamente com todas as línguas semitas”.

(...)

“A ETIMOLOGIA da palavra ‘BARÁ’ (SEPAROU) coincide com as imagens descritas na MITOLOGIA. Desde os sumérios, passando pelos hebreus e depois por gregos e latinos, a raiz ‘BAR’ tem um sentido básico: CORTAR – DIVIDIR – TALHAR – SEPARAR – ROMPER – ABRIR – FENDER – RACHAR. O mesmo vale para seus equivalentes fonéticos: ‘PAR – FAR – BR – PR – FR.’

²⁶ BLAVATSKI, H. P. *A Doutrina Secreta.*, v. V, 1980, pp. 195-196.

²⁷ De acordo com Zecharia Sitchin, “Desde que George Smith descobriu e publicou em 1876 as lendas detalhadas sobre a criação da Mesopotâmia (*The Chaldean Account of Genesis*), obra que foi seguida por *The Seven Tablets of Creation*, de W. King, tanto eruditos como teólogos passaram a aceitar que os contos sobre a Criação do Antigo Testamento (Gênesis, capítulos 1 a 3) são versões condensadas dos textos sumérios originais”. [Ambos os textos podem ser baixados na WEB. O primeiro texto, em:

http://www.mindserpent.com/American_History/books/Smith/the_chaldean_account_of_genesis.pdf; o segundo, em: http://www.2shared.com/document/XKI8dGHa/The_Seven_Tablets_of_Creation_.html].

“Os CUNEIFORMES reproduzem estes sons e estas idéias em gráficos inequívocos: uma CUNHA, instrumento que serve para ABRIR, ROMPER, DIVIDIR. Outros cuneiformes têm a forma duma TESOURA ou duma CRUZ.”²⁸

E ainda: “Descobrimos que o homem empresta para a sua palavra humana a força da palavra divina. Ele chama o trovão e a tempestade de ‘voz de Deus’, mas o trovão continua trovão e a tempestade, não deixa de ser tempestade. Do mesmo modo a palavra do profeta é chamada ‘ORÁCULO DE DEUS’, mas não deixa de ser um oráculo do homem. Os escritores bíblicos repetem milhares de vezes: “DISSE DEUS”, mas é o homem que está falando, revestindo-se da autoridade divina.”²⁹

(...)

“Começava a ficar claro para mim que a frase ‘disse Deus’ (va.i.ÔMÊR Elohim) não era uma expressão qualquer. Mas o dr. Samuel conhecia outras riquezas ocultas nessa palavra:

— Também a língua assírio-babilônica pode nos ajudar a conhecer melhor o nosso texto:

“O SINAL CUNEIFORME básico que retrata a palavra ‘FALAR’ (AMARU: ) é o OLHO.

“Veja como os assírios trabalham com esta palavra:

AMÁRU: ver, olhar, observar, achar, encontrar, FALAR

N. AMÁRU: brilhar, resplandecer, ser claro e luminoso

N. AMRU: claro, luminoso, resplandescente, brilhante, lúcido, reluzente, evidente

N. AMIR. TU: luz, brilho, fulgor

T. AMAR. TU: observação, exame, pesquisa

BIT T. AMÁR. TI: observatório, lugar de pesquisa

“Repare bem como os assírios ligam o conceito de PALAVRA com o conceito de LUZ. Para eles, ‘FALAR’ não é só ferir o ar com o sopro. A PALAVRA está relacionada com a LUZ, com os OLHOS, com a OBSERVAÇÃO atenta das coisas. ‘FALAR’ é tornar as coisas luminosas, banhadas de sol.”

(...)

²⁸ SOUZA, idem, pp. 291-292.

²⁹ SOUZA, ibidem, p. 129.

“— Na concepção dos povos antigos, egípcios, árabes, hebreus, assírios, há uma filosofia profunda no conceito ‘PALAVRA’. A BOCA FALA porque está iluminada pela LUZ e pelo FOGO da inteligência.”³⁰

A Índia antiga elaborou toda uma mística ao redor do som e da palavra, desde o aspecto cosmológico criador até o uso individual da fala. Conforme diz David Tame, “O poder modelador do som atribui-se não só à música, mas também à palavra falada. Segundo a cosmologia hindu, o nome de uma coisa é realmente uma chave vital para compreender-lhe a natureza interior. O nome de qualquer coisa é o padrão sonoro da sua tônica, a expressão, em som audível, dos padrões vibratórios mais elevados que criaram a própria forma. Isto é completamente diverso da concepção ocidental do nome, que se supõe que aja tão-somente como rótulo, muito semelhante a um número de referência. Para o hindu culto, o nome não é um número arbitrário de referência, mas a verdadeira fórmula matemática da razão e da vibração em que se baseiam a criação e a sustentação da forma ou do ser vivo.”³¹

O relato bíblico da criação, como já se viu, é consistente com a crença hindu aqui mencionada. Santo Agostinho confessa a sua inquietação ante este relato (*apud* Aveni): “ ‘A fala é o mais belo tipo de mágica teórica’, diz um velho provérbio árabe. Em seu diálogo com Deus, descrito em seu *Confissões*, Agostinho, bispo de Hipona, na África do Norte (hoje Argélia), no século IV, pergunta: ‘Por que meio o Senhor fez o céu e a terra? Que ferramenta usou para este vasto trabalho?’ Depois de consultar muitas possibilidades sobre como moldar um Universo material, uma resposta por fim lhe surge, mas apenas depois de ele ter lido atentamente os primeiros capítulos do Gênesis: ‘E Deus disse, faça-se a luz, e a luz se fez’. Conclui Agostinho: ‘Deve ser, portanto, que o Senhor falou e eles foram feitos. Com sua Palavra apenas, o Senhor os criou.’ ”³²

³⁰ SOUZA, *ibidem*, pp. 127-128.

³¹ TAME, David. *O Poder Oculto da Música: A transformação do homem pela energia da música*. São Paulo, Cultrix, 1993, p. 191.

³² AVENI, Anthony. *Conversando com os Planetas: Como a Ciência e o Mito Inventaram o Cosmo*. São Paulo: Mercuryo, 1993, p. 56.

4. As Línguas Proto-Semíticas e Semíticas

Os povos proto-semitas que falavam uma hipotética língua proto-semítica, são provavelmente oriundos da Península Arábica.

Esta proto-língua se fragmentou em dois grupos linguísticos: o grupo hamito-semítico (línguas semíticas) na Mesopotâmia, e o grupo de hamíticas (ou camíticas) no Oriente Médio e na África.

Os povos que falavam as línguas semíticas são designados como *povos semíticos* (ou *povos semitas*), que geneticamente partilham uma ancestralidade comum, apesar de que as contínuas migrações não permitem falar de um grupo étnico homogêneo. De todo modo, são originários, na sua maioria, do Médio Oriente. Suas línguas incluem o acádio, o amárico, o árabe, o aramaico, o assírio, o hebraico, o maltês e o tigrínia.

De acordo com Marques, quando os primeiros povos semitas começaram a surgir na Caldéia, os árabes com Arpaksad e os hebreus com Heber (ou Éber)³³, as línguas já estavam formadas com os sons característicos unilíteros e bilíteros das raças mais antigas, sendo que a *palavra* surgiu como unidade autônoma quando os sons unilíteros e bilíteros se uniram por justaposição, formando as línguas trilíteras semíticas.³⁴

“No tempo em que o idioma trilítero recebia a sua primeira forma, pela criação da palavra, o império etiópico era governado por uma dinastia da descendência de Leth.

³³ Arpaksad descende de Noé pela linhagem de Sem, sendo que Heber descende de Arpaksad.

³⁴ Sempre consonantais, porque não havia vogais nos idiomas semitas.

“Esta dinastia personifica o nome bíblico Methuselah, na série dos tempos sethicos, que só termina com o dilúvio, em 3044.

“Sob a forma monossilábica *Mthsl* designa:

<i>M</i>	–	Uma dinastia
<i>TH</i>	–	etiópica ³⁵
<i>S</i>	–	iniciada
<i>L</i>	–	no culto de Elohim”. ³⁶

Antes que os fatos históricos fossem colocados por escrito, a tradição bíblica afirma a existência dos patriarcas anteriores a Noé (Noach),³⁷ entre os quais Matusalém (ou Metusalah: do hebraico מְתוּשָׁלַח), filho de Enoque (Enoch) e avô de Noé.

Segundo a Bíblia (Gênesis 10), Noé teve três filhos: Sem, antepassado dos povos do Médio e do Leste (seus descendentes permaneceram nas vizinhanças da Mesopotâmia); Cam, cujos descendentes migraram para o Oeste e Sul; Jafé,³⁸ cujos descendentes migraram para o Norte e Leste.³⁹

³⁵ Os gregos chamavam de *Etiópia* a todos os países cujos habitantes tivessem pele negra, e os habitantes do *Império de Kush* eram chamados de *etíopes*. A região que compreende o *Corno da África* (ou *Chifres da África*) e a *Península Ibérica* possui uma história antiquíssima, e deve ser de onde se originou o *Homo Sapiens*. Segundo a antropologia, os primeiros ancestrais do homem viveram na África há mais de quatro milhões de anos, sendo que o *Ardipithecus ramidus* e o *Australopithecus*, encontrados na atual Etiópia, são considerados os fósseis humanos mais antigos. A África está dividida em duas regiões: uma, ao norte, a *África setentrional*; e outra, mais ao sul, a *África subsaariana*, sendo ambas separadas pelo deserto do Saara, que atravessa dez países na direção leste-oeste. “Certamente, a história da África norte-saariana esteve antes ligada àquela da bacia mediterrânea, muito mais que a história da África subsaariana mas, nos dias atuais, é amplamente reconhecido que as civilizações do continente africano, pela sua variedade lingüística e cultural, formam em graus variados as vertentes históricas de um conjunto de povos e sociedades, unidos por laços seculares.” (AMADOU, M. *História Geral da África* II. Prefácio de M. Amadou, p. XXII. UNESCO, 2010).

³⁶ MARQUES, idem, pp. 20-21. *Apud* Carette. [Elohim significa “Aqueles Que São o Ser da Vida”: BEST, Shabaz Britten. *Mistérios e Misticismo da Bíblia*, 1949.]

³⁷ Em hebraico נֹחַ, seu nome significa *descanso, alívio, conforto*. A figura de Noé é mais representativa de um mito ou fábula do que propriamente de uma figura histórica. Há outros relatos sobre o dilúvio e uma arca que lhe são anteriores; por exemplo, um proto-Nóe chamado *Ziusudra* (sumério) ou *Utnapishtin* (babilônico) teria sido alertado pelo deus Enki para que construísse uma arca e se salvasse, junto aos seus parentes. Um “Noé grego”, Deucalião, teria aterrado com a sua “arca” em Dodona ou em Delfos.

³⁸ SOUZA, *ibidem*, p. 37.

³⁹ *Sem* é tradicionalmente considerado o ancestral do povo semita. Os judeus e os árabes se consideram seus descendentes através de Arpachade.

Ainda da obra de Souza: “SEM (SHÊM), primeiro filho de Noé, é um nome relacionado com o Céu, com as coisas sublimes, nobres, elevadas, superiores. Liga-se à fartura, à abundância. Relaciona-se com luz, brilho, luminosidade, elevação, dignidade, coisas notáveis, importantes, extraordinárias, fama, glória. CAM (HÂM), segundo filho de Noé, é um nome ligado à TERRA, ao chão, ao trabalho, ao calor do dia. Pertence às imagens e conceitos que expressam esforço, trabalho, fadiga, obstáculo, fogo, ardor, paixão, violência, baixeza, vileza, coisas inferiores, obscuro, humilde, subjugado, rebaixado, campo de trabalho, ardor do sol, queimado, negro. Os egípcios têm até um hieróglifo para expressar estas idéias: é uma FORNALHA ACESA, que eles chamam de ‘KEM’. KEM, em egípcio significa: FORNO, quente, monte de brasas, esquentar, terra ensolarada, Egito, país, quente, homem da terra, egípcio, kemita. JAFÉ (IÁFET), terceiro filho de Noé, é um nome relacionado ao ESPAÇO INFINITO, à vastidão, à liberdade, ao progresso, à ciência, a toda espécie de abertura, Expressa expansão, extensão, dilatação, latitude, solução, universalização, multiplicação, divisão, repartição, beleza, encanto”.⁴⁰

A escrita, propriamente, veio apenas após séculos de tradição oral. Entre os povos semíticos-judeus, as histórias, passadas oralmente de geração a geração começaram a tomar forma de livros que compunham uma única obra, o Torah (Pentateuco), que incluía: Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio.

“Os dois termos bilíteros que, até então, tinham tomado as suas funções originais eram: BR e RB e caracterizavam os dois grupos *abita* e *ariano*.

“Tomando a forma tríltera, juntaram-lhe uma letra longa – *ain*, característica de grande número, de modo que *ABR* designa o grupo, o povo hebreu, e *ARB*, o grupo árabe. Estudada a característica semiológica de cada letra, facilmente se conhece a razão de ser de cada palavra tríltera, das línguas semíticas, e, talvez, de todas as línguas, estudada a história evolutiva de cada uma”.

Assim, se teriam formado quatro línguas: as semíticas *hebreu* e *árabe*, e as pelasgas *grego* e *latim*.

De acordo com a revista *Journal of Creation* (antiga *Creation Ex-nihilo Technical Journal*), com base na correspondência entre os grandes grupos linguísticos e na descendência de Noé, os linguistas reconhecem um grupo hamito-semítico (no qual as

⁴⁰ SOUZA, ibidem, p. 42.

línguas semíticas têm origem na Mesopotâmia), e as línguas hamíticas (ou camíticas) do Oriente Médio e África, o que é consistente com as migrações citadas antes.⁴¹

5. As Línguas Faladas Antes e Depois do Dilúvio

Sob o ponto de vista da história ortodoxa, a civilização começou cerca de 4000 a.C. na região da Mesopotâmia (do grego *Μεσοποταμία*: *μεσο*/meso, meio, e *ποταμός*/potamós, rio, ou seja, *terra entre dois rios*), localizada no Oriente Médio, situada entre os vales dos rios Tigre e Eufrates. Divide-se em duas regiões geográficas: ao norte, a Alta Mesopotâmia ou Assíria, que é uma região montanhosa e desértica; ao sul, a Baixa Mesopotâmia ou Caldéia, uma região fértil devido aos rios que nascem nas montanhas da Armênia e desaguam no Golfo Pérsico. Pelo seu formato de uma Lua crescente e pelo solo fértil, a região é chamada de *Crescente Fértil*.

As primeiras cidades foram Ur, Uruk, Nippur, Kish, Lagash e Eridu, que surgiram no período histórico entre o III e o I milênios a.C. e desenvolveram um comércio ativo entre elas, com o que criaram a primeira civilização, a dos sumérios-acádios.

Na região se falavam as seguintes línguas: sumério; elamita;⁴² acádio; aramaico; amorita;⁴³ cassita;⁴⁴ hurrita;⁴⁵ hitita.

⁴¹ A família semítica é composta de muitas línguas, incluindo as seguintes: acadiano, ugarítico, fenício, hebraico, aramaico, árabe, etíope, egípcio, copta, guanche, somali, gala, afar-saho, haúça, assírio e caldeu.

⁴² *Elam* ou *Elão* (em persa: ایلام), ou também *Susiana*, foi uma civilização da Antiguidade localizada no sudoeste do Irã, que se estendia desde as terras baixas do Khuzestão à província de Ilam, com uma pequena parte no sul do Iraque. Localizado a leste da Mesopotâmia, o Elam fez parte da urbanização arcaica ocorrida durante o Calcolítico. Os primeiros registros históricos surgiram por volta de 3000 a.C. O elamita (atualmente uma língua morta ou extinta) foi a língua oficial do Império Persa, do século VI ao século IV a.C.

⁴³ Os *amoritas*, também chamados de antigos babilônios, eram povos semitas oriundos do deserto sírio-árabe e que se estabeleceram na cidade da Babilônia. O primeiro império babilônico, surgido da unificação promovida por Hamurabi, deu fim ao período sumério, ainda que o costumes culturais deste período tenham sobrevivido.

⁴⁴ Os *cassitas* (*Kashshû*) foram uma tribo do Antigo Oriente que controlou a Babilônia após a queda do Primeiro Império Babilônico por volta de 1531 a.C. Seu reinado durou até 1155 a.C., quando foram derrotados pelos *elamitas*. Sua linguagem é classificada como isolada.

⁴⁵ Os *hurritas* eram um povo da Mesopotâmia que vivia no extremo norte da região. Eram parentes de outro povo, os *urartianos*, que habitavam a região do lago Arsis (ou Vana), atualmente lago Van (no leste da atual Turquia). Falavam uma língua aparentada, o *urartiano*, a língua do Reino de Urartu (*Bianili*, na sua língua nativa).

6. A Origem das Línguas

Tão ou mais antigas que as línguas semíticas são as línguas faladas na parte oriental do continente asiático, tais como o chinês, o tibetano, o mongol, etc. Ou mesmo as línguas faladas na Ásia Menor, ou nas terras à volta do Mediterrâneo (o grego antigo, p. ex.). Entretanto, todas elas são, de um modo ou de outro, línguas históricas, ou seja, línguas que podem ser localizadas em um período histórico determinado, mesmo que bastante antigo. Portanto, para se tentar encontrar a origem das línguas deve-se recuar bastante, até os tempos ante-históricos.⁴⁶

6.1 Os Signos de Glozel e de outros Sítios Arqueológicos

Uma das mais sensacionais descobertas que foram feitas a respeito das línguas ante-diluvianas foi realizada no sítio de Glozel, uma pequena aldeia a sudeste de Vichy, na França. Neste sítio – chamado “Campo dos Mortos” – foram encontrados por acaso, em 1924, pedras assentadas, cacos de cerâmica, tijolos, alguns instrumentos de pedra e uma tábua com inscrições que continham, aparentemente, sinais alfabéticos de línguas antigas desaparecidas. As escavações (que se prolongaram até 1941) revelaram uma grande quantidade dessas tábuas, cuja procedência era desconhecida.



Tabuetas de Glozel

⁴⁶ As fontes, neste caso, devem ser constituídas pelos monumentos ou ruínas de monumentos epigráficos e históricos, pelas inscrições rupestres, bem como por qualquer tipo de objeto (argila, pedra, peles de animais, etc.) que contenha inscritos, em sua superfície, signos, sinais e símbolos. Quando, junto a símbolos desconhecidos são encontrados signos idênticos aos que formam os atuais idiomas latinos, eles, supostamente, podem ser considerados antepassados de uma língua original (proto-indo-europeu), da qual se formaram os alfabetos das línguas neo-latinas.

Inicialmente consideradas uma fraude, sua existência foi esquecida até o final da Segunda Guerra Mundial. Apenas nos anos 1970 voltaram a ser pesquisadas. Ainda bastante contestadas, sua antiguidade foi comprovada nesta época, quando se usou o teste termoluminescente para datá-las. Este teste foi realizado pelo Dr. Zimmerman, da Universidade de Washington e ligado ao Centro McDonnell de Ciências do Espaço (McDonnell Center for Space Science), que concluiu pela sua antiguidade. Comprovou-se também que as peças encontradas (que somam atualmente cerca de 2500) estão em uma camada neolítica,⁴⁷ e remontam a pelo menos 17.000 anos.⁴⁸

Usando o processo de datação pelo rádio-Carbono (Carbono 14), encontraram-se os seguintes resultados: os ossos, cujos signos gravados mostravam detalhes da arte Mesolítica e Neolítica, tinham entre 15.000 e os 17.000 anos; as cerâmicas apresentavam ter 5000 anos de idade; as tabuinhas gravadas tinham 2500 anos. Entretanto, constatou-se que várias peças eram da Idade Média.⁴⁹

O surpreendente, como se disse, era que nas peças do Neolítico apareciam signos de uma língua escrita muito semelhante à ibero-tartéssica⁵⁰ (os signos dos alfabetos fenício e ibero-tartéssico são quase idênticos).

⁴⁷ Segundo o Congresso Internacional sobre o uso do Carbono-14 para datação em arqueologia, realizado em 1998, o Neolítico existe na Europa desde os últimos séculos do sétimo milênio.

⁴⁸ Um certo ar de conspiração começou a pairar sobre Glouzel quando nada se publicou a respeito das escavações realizada entre 1983 e 1990 ao redor do “Campo dos Mortos”.

⁴⁹ Supõe-se que este era um sítio sagrado, e que assim permaneceu por séculos, sendo visitado de geração a geração. “Ninguém entende como no ‘Campo dos Mortos’ de Glouzel, podemos encontrar tantos objectos de antiguidades tão diferentes, a não ser que fosse um santuário desde a mais remota antiguidade e que a sua importância mágica e cerimonial se transmitisse de geração em geração.” FERNÁNDEZ, José Carlos. *Na demanda da escrita atlante*. In: http://nova-acropole.pt/a_escrita_atlante.html.

⁵⁰ A Península Ibérica começou a ser povoada quando a última Idade Glacial forçou a que nômades oriundos das estepes da Ásia Central se refugiassem no sul da Europa. Na Península floresceram as culturas humanas denominadas *Aurignaciano* (Paleolítico Superior, entre 45.000 e 35.000 a.C.); *Gravetiense* (ou *Gravetiano* – é uma fase da cultura *Perigordense* dos Homo Sapiens, no Paleolítico Superior); *Solutrense* (uma fase de transição); *Magdaleniano* (entre 15.000 e 9.000 a.C.), com suas complexas formas de arte pré-histórica. A língua tartéssica, encontrada no extremo sudoeste da península Ibérica, tem o seu nome derivado de *tartessos*. * É classificada como uma língua isolada, porque não se relaciona com uma língua indo-européia [*Tartessos (em grego: Ταρτησσός) ou *Tartessus* era uma cidade portuária que desenvolveu-se na costa sul-sudoeste da Península Ibérica, Tinha por linha central o rio Tartessos, que os romanos chamavam de *Baetis*, e os árabes, *Guadalquivir*. Acredita-se que os tartessos desenvolveram uma língua e uma escrita distinta da dos povos vizinhos, tendo recebido influências culturais de egípcios e fenícios. Seu povo tornou-se um importante parceiro comercial dos fenícios, por volta do século VIII a.C. Tartessos era também o nome pelo qual os gregos conheciam a primeira civilização do Ocidente.]

A teoria comumente aceita afirma que os alfabetos latino e grego procedem do alfabeto fenício,⁵¹ de cuja escrita teriam derivado outros modos de escrita, tais como o púnico, o glagolítico (búlgaro), o cirílico, as runas germânicas, etc. Também se consideram derivados do alfabeto fenício, o tartéssico, o ibérico e o etrusco, através do grego, de modo direto ou indireto.

Na década de 1930 dizia-se, por outro lado, que o alfabeto fenício tinha sido adotado após os fenícios terem entrado em contato com as culturas micênica e cretense, ou até mesmo com as protoculturas ibero-tartéssicas que se estendiam pela Península Ibérica.

Atualmente, a ciência considera que os alfabetos ou escritas mais antigas são o da cultura de Banpo, na China, que floresceu entre 6700 a 5600 a.C.; a macedônica, cujos povos habitaram a região da Grécia e da Anatólia⁵² em meados de 700 a.C.; as protogregas, com inscrições de cerca de 5250 a.C., e a cultura Vinca (Vinha ou Winca), talvez a mais antiga da Europa, que floresceu entre o VI e o III milênio a.C. nas atuais regiões da Sérvia, Romênia, Hungria, Moldávia, Bulgária e Macedônia, e com vestígios nos Bálcãs, Europa Central e Ásia Menor.⁵³

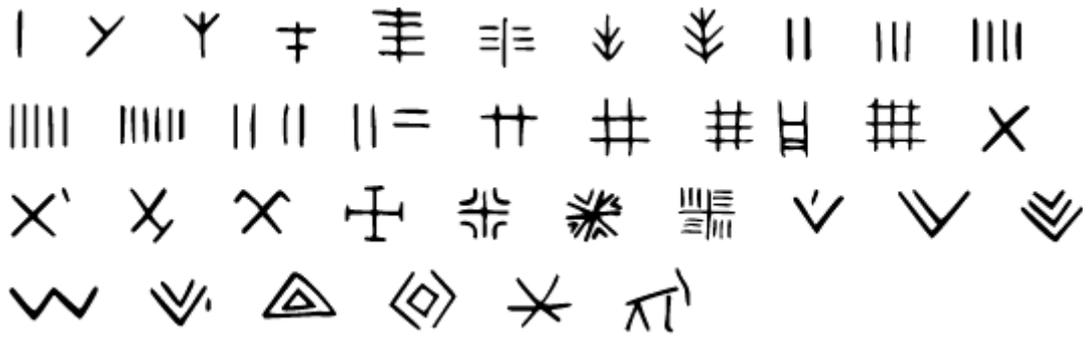


Signos linguísticos da cultura Vinca

⁵¹ Segundo Heródoto, a língua grega deriva do fenício.

⁵² Ver: http://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria_da_Turquia.

⁵³ Ver: http://www2.uned.es/geo-1-historia-antigua-universal/ESCRITURAS_ANTIGUA/Escrituras_antiguas_europa.htm.



Signos linguísticos da cultura Vinca



Os dois quadros mostrados a seguir mostram outros signos das línguas da região dos Cárpatos:

OTHER SIGNS					
Sign system of the Carpathian Basin			Hun Writing	Bosnian pyramids	Glozel
Hungarian runic writing - rovás	Tordos-Vinca culture	Tászok-plateau			

Compiled by: Friedrich Klára, 2007 December. Completion: 2008 June.

COMBINED SIGNS, LIGATURES						
Sign system of the Carpathian Basin		Hun Writing	Bosnian pyramids	Glozel	Analysing of signs	Present hungarian sound value
Tordos-Vinca culture	Tászok plateau					
					X1, 1X1, 1XΛ1, 1XΛ1	B-J, J-B-J, J-B-S-J, J-B-L-J
					CP	N-A, A-N
					DT, CT	NY-D, N-D
					4H, HP	R-A, A-R
					P, V	A-R, R-A
					Y Λ	T-S, S-T
					X ◊	B-K, K-B
					EP, EP	P-A, A-P
					X E	B-P, P-B
					OT, OT	F-I, I-F
					H H	R-R
					X Y	H-ZS, ZS-H
					Y+Y	ZS-D-ZS
					Y Y	ZS-S, S-ZS
					Y H	ZS-Ü, Ü-ZS
					↑ ↑	C-C
					↑ +)	N-D-C, C-N-D
					Λ Λ Λ	S-A-S
					◊+, ◊X	F-D, K-B
					ET, EL	?

Compiled by: Friedrich Klára, 2007 December. Completion: 2008 June.

Estes alfabetos mais antigos costumam ter signos semelhantes, o que pressupõe um alfabeto único originário que se perde nos tempos, bem como uma cultura neolítica preponderante, unificada e extensa.

De acordo com as pesquisas realizadas pelo linguista brasileiro Paulo Stekel,⁵⁴ que acredita que a língua de Glozel pertença a uma cultura pré-céltica, sua evolução pode ser traçada em quatro fases:⁵⁵

Fase 1 - PRIMITIVA - cerca de 1500?-1.000 a.C.: O alfabeto possui 18 letras. Seus sons seriam: Â, Da, E, Ga, I, Ka, La, Ma, Na, O, Ô, Pa, Ra, Sa, Ta, U, Û e Za.⁵⁶

Fase 2 - ORIENTAL - cerca de 1000 a 800 a.C.: O alfabeto possui 20 letras. Foram incluídos o "Ê" longo e o "Qa", correspondentes ao Eta [Hη] e ao Qopa [q] gregos. Esta última letra teria sido utilizada no grego oriental.

Fase 3 - GRECO-ROMANA - cerca de 800-200 a.C.: O alfabeto possui 27 letras. Foram incluídos: "Ça", "Ja", "Kha", "Ksa", "Pha", "Spa" e "Tha", sendo que as duas primeiras são de origem estranha e as cinco últimas são de origem grega, correspondentes a Kha [Ψψ], Ksa [Ξξ], Pha [Φφ], Spa [Μ] e Tha [Θθ]. Esta fase pode ser dividida em dois momentos, dependendo dos sinais envolvidos:

Fase 3A - cerca de 800-200 a.C.: Inclui as letras "Kha", "Pha", "Tha" e "Spa", cujos correspondentes gregos mais antigos são conhecidos em Melos, Thera, Atenas e Mileto, cerca de 900-800 a.C.

Fase 3B - cerca de 300-200 a.C.: Inclui as letras "Ça", "Ja" e "Ksa", que têm seus correspondentes mais antigos conhecidos nas runas futhark, cerca de 200 a.C.



Signos do Alfabeto de Glozel

⁵⁴ Ver: <http://revistahorizonte.blogspot.com.br/2008/01/glozel-decifrado-proposta-de-decifrao.html>.

⁵⁵ Entre os signos de Glozel são encontradas as letras C, H, J, K, L, O, T, W, X.

⁵⁶ Para Stekel, seriam anteriores à escrita fenícia.

6.2. Os Signos da Serra do Alvão

Tão surpreendente quanto a descoberta do sítio de Glozel foi a que se verificou na Serra do Alvão (ou Planalto do Alvão), em Portugal.⁵⁷ Lá foram encontrados, junto a um dólmen, uma série de pedras esculpidas e gravadas com signos idênticos aos de Glozel, cuja antiguidade remota a pelo menos 4000 a.C.

As pedras tinham forma de animais e de homens e estavam gravadas com signos alfabéticos inicialmente identificados como ibéricos. Das 22 letras ibéricas que correspondem aos signos encontrados em Alvão, 14 delas encontram-se igualmente em Glozel.

Em 1927, o português José Teixeira Rego, em *Os Alfabetos do Alvão e de Glozel*⁵⁸ afirmou que “Glozel é, sem dúvida, autêntico e tem uma estreita correspondência com Alvão (...) Não nos deve causar estranheza que na época neolítica apareçam caracteres alfabéticos. Segundo a cronologia de Osborn, que Capitan adota, o neolítico antigo, na Europa, começaria por 10.000 anos a.C.; o pleno neolítico, na Europa, por 7000; o neolítico recente e o cobre, na Europa, por 3000 a 2000. Ora, Flinders Petrie, o eminente egiptólogo, num artigo publicado na ‘Scientia’, informa-nos do seguinte: ‘Há 40 anos, pouco mais ou menos, notaram-se diversos sinais no reverso de telhas provenientes do Palácio de Ramsés III, em Tell Yehudiyeh, datando de cerca de 1200 anos a.C. Compreendiam as letras A, E, I, O, C, X, T, A, M, não sob a forma de cursivas fenícias, mas como letras capitais, como os alfabetos grego e romano. Nenhuma das teorias do alfabeto derivado das origens hieráticas ou cretenses, tentou explicar este problema.’

“ ‘Depois disso, continua Petrie, há cerca de 30 anos, eu encontrei várias letras análogas, gravadas em peças de cerâmica,⁵⁹ datando de 1400 ou 1200 anos a.C. Conhecem-se, ao todo, mais de 30 letras ou sinais deste período. Depois encontrei muitas na cerâmica primitiva da XII dinastia, 3300 anos a.C. E enfim, *muitas apareceram da 1ª. Dinastia, de 5500 anos antes de Cristo e do longo período pré-histórico precedente.*’ ”.

⁵⁷ Sobre arte rupestre em outros sítios portugueses, ver: ALVES, Lara Bacelar. No limiar das ‘artes’? - questões em torno da permeabilidade de fronteiras temporais e espaciais da arte rupestre de trás-os-montes ocidental. In: http://www.academia.edu/2625027/No_Limiar_das_Artes.

⁵⁸ Ver: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/5217.pdf>.

⁵⁹ Ver: <http://www.netceramics.com/InformaçõesTécnicas/AArtedaCerâmica/tabid/479/language/pt-BR/Default.aspx>.

“Para o autor, o alfabeto do Alvão não se parece mais ao ibérico do que ao de Glozel. A escrita alfabética aparece desde o magdalenense; os signos lineares encontrados no Egito desde a I Dinastia, alguns caracteres proto-elamitas, e mesmo os caracteres chineses arcaicos derivam dos alfabetos neolíticos ocidentais, que tiveram a sua origem comum nos signos magdalenenses”



Signos rupestres na Ponte da Munheca, Portugal

6.3. Outras Escritas Primitivas

Platão já afirmava que a antiga Atlântida possuía uma escrita. E de acordo com Estrabão, os turdetanos,⁶⁰ descendentes diretos dos Tartéssios, eram considerados os mais cultos dos iberos, pois conheciam a escrita e possuíam crônicas históricas, poemas e leis em verso, que diziam ter quatro mil anos de antiguidade. (Estrabão, III 1, 6.).

Para o escritor cubano Georgeos Diaz-Montexanos,⁶¹ inscrições encontradas em ossos e cerâmicas na Ibéria⁶² mostram clara evidência do uso de caracteres de escrita linear alfabética em um contexto paleolítico irrefutável (cerca de 4.000 a.C.). Ele

⁶⁰ Os *turdetanos* foram um povo ibero da Hispânia bética que habitava a Turdetânia, região a oriente do rio Guadiana, junto ao curso médio e inferior do rio Guadalquivir, do Algarve em Portugal até Serra Morena, coincidindo com os territórios da antiga civilização de Tartessos.

⁶¹ Pseudônimo literário do escritor cubano Jorge Diaz Sanchez, autor de *LA ATLANTIDA Y TARTESSOS*.

⁶² Também reportadas por Watelman Fein e Jorge Maria Ribero-Meneses.

identificou os caracteres de uma inscrição em osso pré-histórico descoberto nos princípios do século XIX, em La Coruña, Galiza, Espanha.



Phonetic	Coruña bone (+6000 BP)	Tartessian Letters (VIII-V BC)
A		
Ta		
L ^{ai}		
R		
Te		

Para Montexanos, “A escrita aparece com uma clara sequência Ibero-Tartéssia, escrita à maneira tartéssica – que é a mais antiga usada na Ibéria, ou seja, da direita para a esquerda – e os signos (mostrados na tabela acima) parecem estar fazendo menção à Atlântida e a Tartessos. A inscrição pode ser transliterada como: ‘ATaL-TaRTe’.” Para Díaz-Montexano, “é impossível negar que esta palavra (ATaL) se parece demasiado à raiz indo-europeia Atl – que aparece no nome de Atlantis, que é uma forma adjetiva de Atlas, enquanto Tarte ajusta-se à raiz reconstruída pelos especialistas espanhóis sobre o antigo nome de Tartessos, que seria Tarte – pois o sufixo – ssos é de origem egeia ou greco-lídia e acrescentava-se aos nomes de lugares, países ou cidades com o significado de ‘região’, ‘comarca’, ‘cidade’ ou ‘país’, como em Knossos. A terminação em vogal – e da voz Tarte, poderia corresponder a alguma desinência. É muito difícil assumir que isto seja somente uma mera casualidade. Esta inscrição, por um lado, confirma a antiguidade das escritas Ibero-Tartéssias e Atlante (segundo Estrabão e Platão)”.

✕	na	⊞	tshra	☼	rā
T	goo	△	mmä	*	lüh
∩	dâa	⊘	tshä	⊙	sthah
∧	bä	F	moâ	☼	tōo
⊙	tshroa	∩	ro	⊘	wä
⊞	nôo	⊘	ma	⊙	schä
∧	pui	◇	boa	⊞	kü
P	ru	⊘	tä	⊙	soâ
∧	ma	□	pä	⊙	bag
⊞	bö	X	vôa	∧	ku
∩	mä	⊞	schrü	⊙	schrö
∩	ngä	∧	pu	∩	gkee
⊙	boa	⊞	lö	∩	rü
⊞	warr	⊙	tüt	∩∩	nga
⊞	râa	H	va	⊙	môo
Y	uh	∩	lä	⊞	gä
⊞	dôo	K	moi	⊙	du

Alfabeto silábico das Ilhas Oleai (ou Uleai) – Ilhas Carolinas
(Cf. MacMillan Brown)

6.3.1 O Prato de Lolladoff

Um estranho objeto em forma de disco de pedra foi adquirido pelo polonês Professor Sergei Lolladoff na Índia, por volta de 1945. Sobre a sua superfície tinha desenhos que estavam superpostos a duas espirais que corriam no sentido dos ponteiros do relógio.

O objeto foi identificado como sendo tibetano ou nepalês, pertencente ao povo Dzopa da região. O objeto foi datado como tendo pelo menos 12.000 anos de idade. Supostamente, encontra-se depositado no Museu de Berlim.⁶³



Prato de Lolladoff

6.3.2 O Disco de Faístos

O disco de argila mostrado abaixo é um objeto arqueológico encontrado em Faístos (ou *Phaistos* ou *Festos* ou *Faestos*), Creta, tendo por esse motivo recebido o nome de *Disco de Faístos*. Tem cerca de 20 cm de diâmetro e 1 cm de espessura.

Ele foi encontrado em 1908 pelo arqueólogo italiano Luigi Pernier em um sítio em Creta, cujas ruínas datam da Idade do Bronze.



Disco de Faístos

⁶³ Ver: <http://badarchaeology.wordpress.com/2010/02/07/more-alien-nonsense-the-lolladoff-plate/>. O objeto, do qual se conhecem apenas duas fotografias publicadas em livro, aparentemente não foi mais localizado.

Sua datação é incerta, oscilando entre 3500 a 3700 anos (entre 1500 e 1700 a.C.). Contém sete círculos, e as figuras mais repetidas parecem ser um escudo e uma cabeça humana. Supõe-se que apresenta as palavras *akko* (mãe) e *akka* (deusa mãe),⁶⁴ pelo que alguns estudiosos afirmam que pode reproduzir um hino religioso, em alfabeto desconhecido⁶⁵ (cada um destes signos seria um pictograma), de uso comum em Creta no tempo em que foi gravado.⁶⁶

Apresenta em suas duas faces 241 caracteres com 33 motivos e 45 signos ou sinais diferentes,⁶⁷ com figuras de animais e objetos da vida cotidiana, em uma espiral que corre em direção ao centro.

Supõe-se que os 33 motivos que nele aparecem seriam símbolos de constelações visíveis, vistas no céu do norte em um determinado momento, acima do horizonte.⁶⁸ Mas há outras hipóteses para a sua função: calendário astronômico; ferramenta de navegação; jogo de tabuleiro; objeto mágico-religioso.

⁶⁴ Na mitologia finlandesa, *Akka* é a deusa da Fertilidade, esposa de *Ukko*, deus do Trovão (também relacionado com as deidades do Tempo). *Akka* é também o princípio feminino da natureza, a Mãe-Terra a quem *Ukko* fertilizou. Assim, é responsável pela fertilidade, força e sexualidade femininas, e encarregada da procriação de pessoas, animais e pelo crescimento da vegetação. É, tradicionalmente, o espírito feminino na mitologia *Sami* (ou Sámi, ou Saami, também conhecidos como Lap, Lapp, ou Laplanders). Os Sami são um dos maiores grupos indígenas do norte da Europa (Escandinávia). Habitam porções do norte da Suécia, Noruega, Finlândia, Península de Kola (Rússia) e também a zona fronteira entre o Centro e Sul da Suécia. Na mitologia Sámi, a primeira *Akka* foi *Madder Akka*, deusa que incorpora o arquétipo materno, e que com o seu companheiro *Madder Atcha* formou o casal divino que criou a humanidade. *Madder Atcha* proveu a alma, enquanto que *Madder Akka* proveu o corpo. Os Sami também a conhecem pelo nome *Yambe-akka*, deusa da morte e do submundo.

⁶⁵ O Disco foi decifrado pelo Dr. Steven Roger Fischer, diretor do Instituto de Literaturas e Línguas Polinésias de Auckland, Nova Zelândia. [Ver item 13.1.2, “A Polêmica Sobre a Antecedência dos Alfabetos”].

⁶⁶ Sua origem, entretanto, já foi atribuída a filisteus, lícios, cários, líbios, anatólicos, semitas, etc.

⁶⁷ Para o especialista em paleolinguística Barry Fell, os seus 33 motivos seriam os pictogramas que deram origem aos caracteres da *escrita linear A e B*, e a língua em que o disco foi escrito seria a *anatólica*.

⁶⁸ Isto o tornaria um objeto astrológico, personalizado para o seu portador.



Disco de Faistos, anverso



Disco de Faistos, verso

tenham antecedido a escrita, não se pode conceber que uma cultura complexa como esta tenha florescido sem possuir uma escrita.



Cerâmica encontrada em Çatal hüyük

6.5. O Vale do Indo e a Ilha de Páscoa

No Vale do Indo floresceram as cidades de Mohenjo-daro (ou Mohenjo Dahren, situada na Índia) e Harappa (no Paquistão),⁷¹ cidades concebidas segundo um plano retilíneo, com ruas largas, em tudo parecidas com as modernas cidades.⁷²

Em Harappa e em Mohenjo Daro, no Vale do Indo, foram encontradas inscrições semelhantes às encontradas nas tabuinhas da Ilha da Páscoa (as *tabuletas falantes*, ou *rongo-rongo*),⁷³ fato que foi confirmado pelo filólogo húngaro De Hevesy.

⁷⁰ Para o filólogo australiano especializado em arqueologia Gordon Childe (1892 – 1957) são necessárias dez características de uma concentração populacional para que se configure a revolução urbana: grande população e grande ocupação de um determinado território (cidades); especialização integral e divisão avançada do trabalho; produção de um excedente agrícola que sustente o governo e uma sociedade dividida em funções; edifícios públicos e monumentos; uma elite governante, em especial os sacerdotes; uma escrita; ciências exatas (aritmética, geometria, astronomia) e um calendário; estilos artísticos sofisticados; comércio regular de longa distância; o Estado. (CHILDE, Vere Gordon. *A evolução cultural do homem*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978).

⁷¹ As escavações mostraram que as ruínas atuais são a camada superior de uma série de cidades superpostas, destruídas e reconstruídas sucessivamente, e a Mohenjo Dahren e Harappa originais perdem-se em um passado remoto. Tais cidades são citadas nas escrituras védicas antigas.

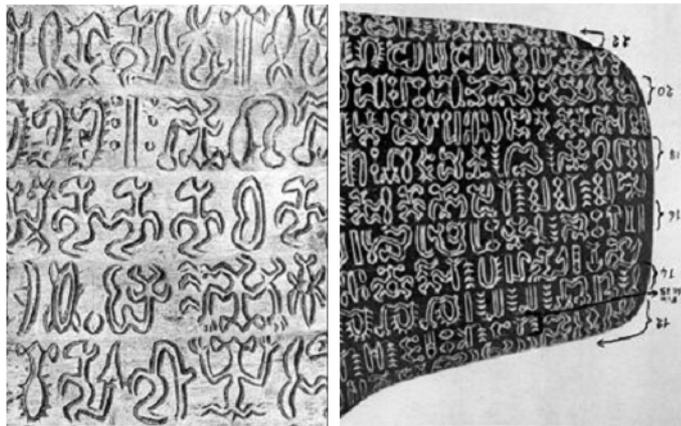
⁷² Explorações arqueológicas realizadas mostraram que todo o território da Ásia Meridional foi o berço de muitas civilizações. As ruínas encontradas mostram que civilizações com 4500 anos de idade já ocupavam parte do vale do rio Indo, no subcontinente indiano. Sua cultura, urbana e mercantilista, que se baseava principalmente no comércio de produtos agrícolas, declinou entre os séculos XIX e XVII a.C., talvez em razão de alterações climáticas.



Mohenjo Dahro

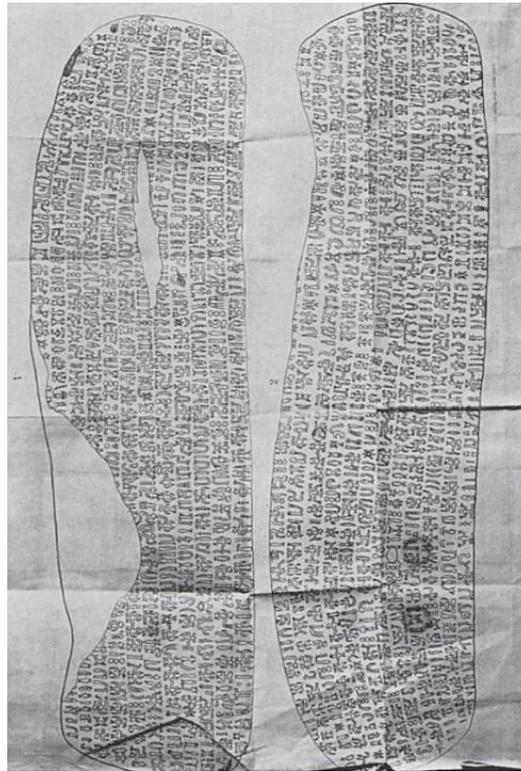


Inscrições do Vale do Indo (acima) e da Ilha de Páscoa (abaixo)
(Cf. Charles Berlitz)



Glifos da Ilha de Páscoa

⁷³ Ver: <http://en.wikipedia.org/wiki/Rongorongo>. O arqueólogo brasileiro Aurélio Abreu alega ter visto várias destas tabuletas, usadas em rituais mágicos, na Ilha de Páscoa, que entretanto não pôde examinar, por recusa de seus proprietários. (ABREU, Aurélio M. G. de. *Ilha de Páscoa: Maldições e Segredos*. In: Revista Planeta, n.º 155, ago. 1985, pp. 43-47).



Tabuleta Orongo – Santiago do Chile

Também para o etnólogo austríaco Robert von Heine-Geldern existiriam curiosas semelhanças entre os símbolos da Ilha da Páscoa e uma forma de escrita utilizada na China durante a Dinastia Yin (ou Dinastia Shang).⁷⁴ Esta forma de escrita era feita com inscrições em carapaças de tartaruga, bronzes e outros objetos, os quais começaram a serem encontrados quando se iniciaram as escavações, em 1928, nas ruínas da cidade de Anyang, província de Henan. Foram desenterradas mais de 160 mil carapaças com inscrições, que continham cerca de 4000 caracteres chineses. As inscrições em carapaças de tartaruga (*Jiagu*) constituem a escrita mais antiga da China.⁷⁵

⁷⁴ Em 1928 começaram as escavações nas ruínas da cidade de Anyang, província de Henan. Nesta região foram encontradas peças com inscrições em carapaças de tartaruga, bronzes e outros objetos. [Sobre a tese de von Heine-Geldern, ver: ARELLANO, Fernando (S.J.). *Una Introducción a la Venezuela Prehispánica*. Cultura de las Naciones Indígenas Venezolanas. Caracas, Universidad Católica Andrés Bello, 1986, p. 19]. [<http://buscadorpdf.blogspot.com.br/2012/04/una-introduccion-la-venezuela.html>].

⁷⁵ As carapaças eram utilizadas como instrumentos de previsão e adivinhação do futuro.



Inscrições chinesas em carapaças de tartaruga

6.6. A Cultura Misteriosa de Göbekli Tepe

Em 1964, uma equipe de arqueólogos turcos e americanos descobriu em uma colina no topo do monte Göbekli Tepe (em turco: *o Monte com a Barriga*), perto da Síria, algo que pensaram ser um cemitério bizantino, o que os fez se desinteressar de continuarem escavando o local.

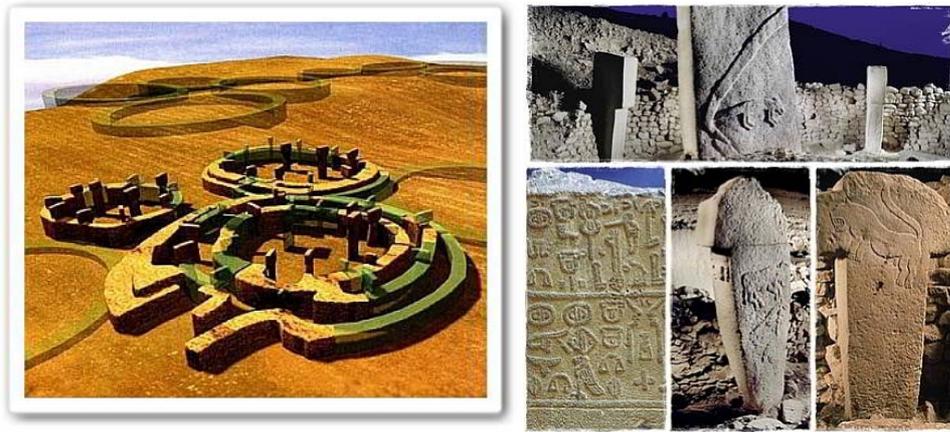
Cerca de trinta anos depois um pastor descobriu que algumas pedras pareciam emergir da terra, e isso fez com que os arqueólogos reiniciassem as escavações. O que descobriram iria assombrar para sempre a arqueologia oficial.

Segundo os manuais tradicionais sobre a Pré-história,⁷⁶ a evolução humana é absolutamente linear: primeiro, habitantes das cavernas, caçadores e coletores; a seguir, por volta de 6000 anos atrás, teria começado a agricultura, época em que o grupos humanos teriam deixado de ser nômades, criando as primeiras comunidades.

O advento de Göbekli Tepe veio revolucionar esta visão. Isto porque a datação por radiocarbono atribuiu ao local uma idade entre 10.000 a 11.000 anos. Conforme a origem dos objetos datados (no sítio arqueológico), suas idades rádiodatadas variam entre 7370 até 9130 anos a.C. O resultado disso, como se disse, transtornou todas as histórias oficiais que se contam sobre a antiguidade; conforme diz o arqueólogo inglês, Ian Hodder, da Stanford University (considerado o principal fundador da *Arqueologia Processual*, ou *Nova Arqueologia*),⁷⁷ “Göbekli Tepe muda tudo”.

⁷⁶ A Pré-História divide-se em dois períodos: o Paleolítico ou “Idade da Pedra Lascada, ou Antiga” (que compreende o Paleolítico Inferior, que existiu há 2,5 milhões de anos; o Paleolítico Médio e o Paleolítico Superior), e o Neolítico ou a “Idade da Pedra Nova, ou Polida”.

⁷⁷ A *Arqueologia Processual* tem por base a Antropologia, e não a História. Ao invés de se basear no estudo de eventos e culturas singulares, ela busca regularidades no comportamento humano. Posteriormente, outros estudiosos voltaram a dar ênfase à História, no movimento chamado de *Arqueologia Pós-processual*.



Göbleki Tepe

Para Klaus Schmidt, o arqueólogo que começou as escavações, Göbekli vem de uma parte da história humana que é inimaginavelmente distante, no profundo passado. Entretanto, seu povo conhecia a arquitetura, a matemática, a engenharia e a escrita.⁷⁸

7. A Irlanda – Antiga, Fantástica e Misteriosa

No Vale do Boyne,⁷⁹ no norte da Irlanda, estão alguns dos mais esplêndidos sítios megalíticos do mundo, com extrema importância para a Arqueoastronomia. Em Newgrange e Dowth existem alinhamentos solares⁸⁰ no Solstício de Inverno, enquanto que em outro local, chamado Knowth, há um alinhamento solar no Equinócio.



Conjunto Arqueológico do Vale do Boyne

⁷⁸ Entretanto, arqueólogos mais tradicionais recusam-se a ver uma forma de escrita nos sinais encontrados, e explicam o sítio como um local de culto. Ver: http://pt.wikipedia.org/wiki/Göbekli_Tepe.

⁷⁹ O conjunto arqueológico do Vale do Boyne (ou *Brú na Bóinne*, ou *Palace of the Boyne*) é um imenso complexo de pedras Neolíticas localizado nas imediações do rio Boyne, na Irlanda.

⁸⁰ Os quais podem ser observados do interior de uma câmara abobadada, cuja entrada confronta o nascer do Sol no Solstício de Inverno.

Como dizem os autores Christopher Knight e Robert Lomas, “Estávamos impressionados com as habilidades demonstradas por essas pessoas do Vale do Boyne, no período de 3700-3100 a.C., na criação dessas estruturas.”⁸¹ Essas habilidade incluíam:

1. Agricultura para produzir suficiente suprimento de alimentos para que as pessoas pudessem subsistir no mesmo lugar o tempo necessário para completar a obra;
2. Especialização das funções de trabalho. Eles precisavam de fornecedores de alimento, transportadores de pedra, gravadores de pedras e construtores. As mesmas pessoas não podiam executar todas essas funções ao mesmo tempo;
3. Conhecimento dos movimentos do Sol durante o ano;
4. Habilidades próprias de construção;
5. Habilidades para trabalhar a pedra;
6. Habilidades organizacionais que lhes possibilitassem completar projetos que devem ter levado um espaço de tempo de mais de uma geração;
7. Uma imperiosa visão para motivá-los a criar esse tipo de imponentes estruturas e meios para incentivar os trabalhadores a executar os trabalhos necessários”.⁸²

Ou seja, o povo que ali viveu, denominado *Povo da Cerâmica Canelada*, reunia um vasto conjunto de conhecimentos que hoje classificariamos como conhecimentos sobre ciência, astronomia, engenharia, etc.⁸³

De todo modo, faltou apenas dizer que estes povos detinham algum tipo de escrita. Tanto a entrada quanto a parede externa do *Túmulo de Newgrange* mostram vários tipos de símbolos (petroglifos), entre eles a espiral.

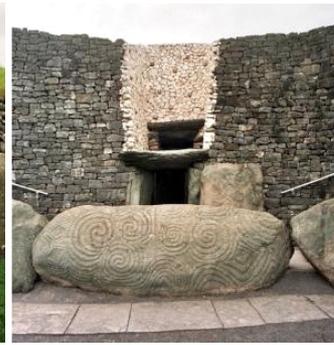
⁸¹ E que precederam a pirâmide de Quéops em 500 anos, e Stonehenge em mais de mil anos. Para a sua construção. milhares de pedras de granito, siltito, quartzo e outras foram trazidas através do mar e pelo rio Boyne para Newgrange.

⁸² KNIGHT, Christopher & LOMAS, Robert. *A Máquina de Uriel*. As antigas origens da Ciência. São Paulo: Madras, 2006, p. 268.

⁸³ Segundo os autores, um estudo de mortalidade realizado sobre os corpos enterrados no local teria mostrado que os habitantes tinham uma curta expectativa de vida, de pouco mais de vinte anos. Mas, como seria possível que um povo com as qualificações mencionadas não tivesse, igualmente, extensos conhecimentos de medicina? Os autores afirmam que, ao longo de 40 gerações [1200 anos!], teria se acumulado um total de 48.000 corpos enterrados; entretanto, apenas algumas centenas foram encontrados nas imensas tumbas. O mais provável então, é que os verdadeiros construtores, de vida longa, tenham partido em alguma época, e o sítio passou a ser ocupado por povos menos desenvolvidos e por isso menos longevos, e que apenas esses teriam ali enterrado os seus mortos.



Parede externa



Entrada do Túmulo

8. A Arte e a Simbologia Pré-Histórica

Os signos comunicativos colocados em forma de inscrições nas pedras ou outros objetos são acompanhados de um tipo de manifestação arte simbólica representada seja por animais, seja por formas geométricas e imagens abstratas pintadas nas rochas (e por isso chamadas de *arte na rocha*)⁸⁴ no interior de cavernas. De acordo com o escritor Graham Hancock, seriam oriundas de fenômenos entópticos⁸⁵ e alucinatórios, ou seja, formas visuais observados pelos xamãs desde antiquíssimas eras, quando em transe em seus ritos de iniciação.⁸⁶ Hancock apresenta em seu livro formas semelhantes às seguintes:

⁸⁴ A *arte na rocha* se distingue das *inscrições rupestres*, pois que estas se dão em forma de signos linguísticos.

⁸⁵ O fenômeno *entóptico* se caracteriza por uma estimulação visual que se origina nos próprios olhos. Por exemplo, os *fosfenos*, que são manchas luminosas que surgem quando os olhos são esfregados.

⁸⁶ Transe (ou ENOC – *Estado não-Ordinário de Consciência*) ocasionado pela ingestão de plantas alucinógenas. Note-se que a interpretação de alguns antropólogos e outros especialistas a respeito do tema regrediu para uma forma cientificista, como se pode ver por este trecho: “No século XIX, tinha-se a idéia de que os grupos pré-históricos realizavam grafismos rupestres pelo prazer estético. Interpretava-se, então, os painéis desses registros gráficos como forma de representação artística ou mágica. Advém daí o costume de mencionar os grafismos pré-históricos realizados em pedra como arte rupestre. Na década de 1970, Laming-Emperaire e Leroi-Gourhan revolucionaram a pesquisa sobre grafismos rupestres na Europa e influenciaram a Arqueologia Brasileira. Demonstraram que, no processo de elaboração dos grafismos, os grupos pré-históricos seguiam leis naturais. Propuseram que os registros rupestres foram feitos de maneira sistemática e não ao acaso. A partir de então, os registros rupestres começaram a ser tratados como composições padronizadas pelas especificidades gestuais próprias da identidade dos seus autores. As representações gráficas passaram, então, a ser explicadas como símbolos materializados das idéias dos seus autores.” (KESTERING, Celito et al. *Pinturas Rupestres da Tradição Nordeste em Sento Sé – BA*. In: <http://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=arqueologia&id=57>). Há então que se distinguir: “foram feitos de maneira sistemática e não ao acaso” – é óbvio, e isso já era reconhecido por especialistas do passado; “composições padronizadas pelas especificidades gestuais próprias da identidade dos seus autores” e “símbolos materializados das idéias dos seus autores” – as pinturas rupestres, como mostra Hancock em sua obra, eram um tipo de arte visionária, mágica e iniciática. Ver: HANCOCK, Graham. *Sobrenatural*. Rio de Janeiro: Record/Nova Era, 2011. Ver também: LEWIS-WILLIAMS, David & PEARCE, David. *Inside the Neolithic Mind: Consciousness, Cosmos and the Realm of the Gods*. Thames & Hudson, 2009. Também: MIKOSZ, José Eliézer. *A Arte Visionária e a Ayahuasca: Representações Visuais de Espirais e Vórtices Inspiradas nos Estados Não Ordinários de Consciência (ENOC)*. (Disponível em:



Petroglifos na rocha (Tucanos)
(Cf. Reichel-Dolmatoff)



Petroglifos na rocha (Tucanos)
(Cf. Reichel-Dolmatoff)

http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=2&ved=0CDUQFjAB&url=http%3A%2F%2Frepositorio.ufsc.br%2Fbitstream%2Fhandle%2F123456789%2F92737%2F264312.pdf%3Fsequence%3D1&ei=M1IUUZfDLrHK4AOJ_YCYBg&usg=AFQjCNFeXyH4czXj_UrphU9pG6m_IN6dqw&sig2=HwSWWHS0H5u3816Ok76FWw&bvm=bv.44342787,d.dmg&cad=rja

Tais símbolos de arte rupestre estão distribuídos por todo o mundo. Por exemplo, em Vale Camonica, Itália, (ou Valcamonica, ou Val Camonica, ou, no dialeto camuni, Al Camònega),⁸⁷ um dos maiores vales dos Alpes Centrais, foram encontradas incisões nas rochas que remontam a 8000 anos, e que somam cerca de 140.000 figuras, acreditando-se que possam chegar a 300.000.⁸⁸



Petroglifos de Valcamonica, Itália

Igualmente são encontrados cerca de 150 petroglifos (com os mesmos símbolos gerais) em Parco de Seradina-Bedolina (ou Seradina-Badolina),⁸⁹ na Itália.



Inscrições rupestres em Seradina-Bedolina, Itália

Na verdade, inscrições rupestres podem ser encontradas em praticamente todo o mundo, com milhares de exemplos de símbolos (petroglifos)⁹⁰ que foram colocados

⁸⁷ Na província de Brescia, junto ao rio Oglio.

⁸⁸ Em Valcamonica são encontrados signos que representam, além das letras encontradas em Glazel, ainda as letras A, D, E, H, N, U. As escritas lá encontradas são de caracteres *réticos*, que apresentam estreito parentesco com os caracteres rúnicos das escritas dinamarquesa e escandinava.

⁸⁹ Parque de Seradina e Bedolina. O *Parco Archeologico Comunale di Seradina e Bedolina*, criado em 2005, está situado em Capo di Ponte, uma comuna italiana da região da Lombardia, província de Bréscia.

nas paredes de grutas ao longo de toda a pré-história. Geralmente, são símbolos e signos com significado mágico-religioso.



Pintura rupestre da Pala Pinta, Portugal

Foi noticiado em 1872, e posteriormente em 1876 e 1877, a existência de inscrições rupestres na localidade do Monte da Saia, na freguesia das Carvalhas do Concelho de Barcelos, Portugal.⁹¹

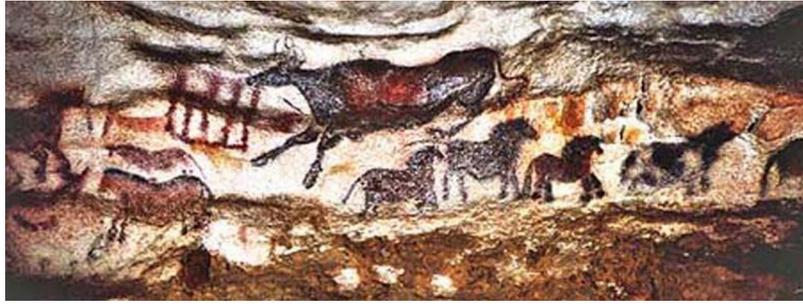


Lage dos Sinais

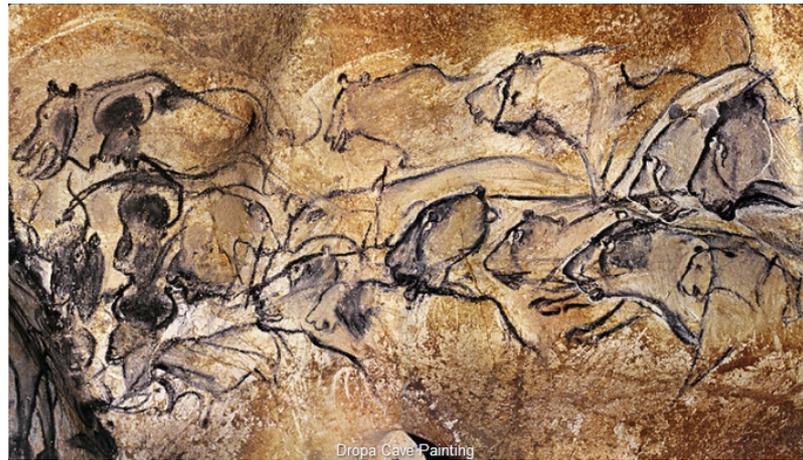
Além destes símbolos, as cavernas da Europa apresentam figuras de animais de uma deslumbrante beleza, como se pode ver a seguir.

⁹⁰ Originalmente cunhada em francês, *péroglyphe*, palavra formada pela justaposição das palavras gregas *petros*, “pedra” e *glyphein*, “esculpir”.

⁹¹ Ver: http://www.csarmento.uminho.pt/docs/neph1/monumentos_sms/FornoSinaisMC.pdf. (Barcelos é uma cidade portuguesa no Distrito de Braga, região norte e sub-região do Cávado).



Gruta de Lascaux, França



Caverna das montanhas himalaias de Baian-Kara-Ula



Cueva de la Pileta, Málaga, Espanha



Gruta Cosquer, França – c. 27.000 anos

A série de ilustrações mostradas a seguir condensa a maioria das imagens rupestres encontradas em grutas e cavernas por todo o mundo.

Petroglyphs - African



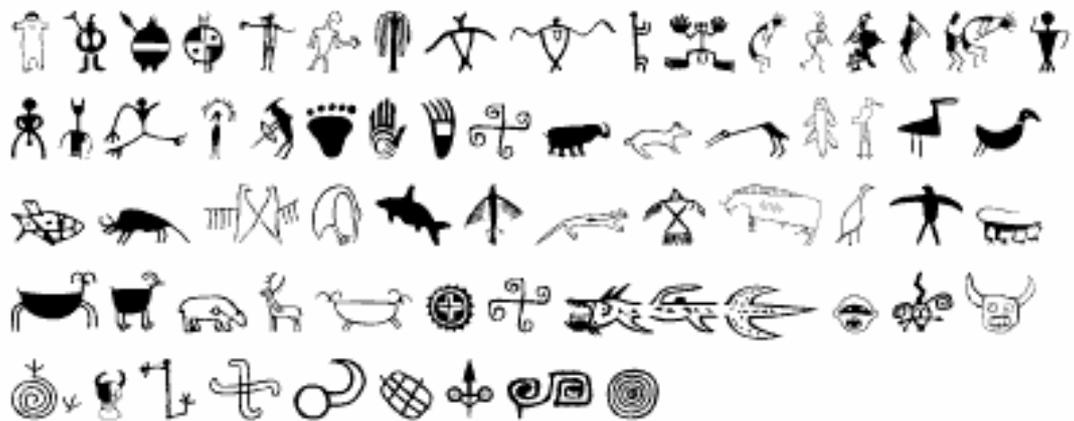
Petroglyphs - Australian



Petroglyphs - European



Petroglyphs - North American



A série de ilustrações mostradas a seguir condensa a maioria dos símbolos e signos mágico-religiosos usados em todo o mundo.⁹²

A *Espiral*, símbolo de *evolução* e de *movimento ascendente e progressivo*.

Respectivamente, significam “indo para”:  ; “vindo de”: 

As *Águas Primordiais*, símbolo-matriz da *vida*: 

A *Resh* hebraica, *Primeira Emanação, Manifestação Vital do Círculo Divino*: 

⁹² Para outros símbolos, ver: <http://loinvisibleenelarte.blogspot.com.br/2011/06/1-7-9.html>.



O *Tau*, ou *Árvore da Vida*:



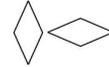
A *Estrela de Oito Pontas*, símbolo de *Vênus*:

A *Pata de Ganso* ou *Pegada do Dragão*. Este símbolo, que evoca o *Dragão* que



representa a *Sabedoria*, é de muita importância na iconografia medieval.:

O *Losango* ou *Tetraktis*, um modo de simbolizar a ação da *Década Divina* na



Natureza. É o triângulo refletido no espelho da Natureza:

O *Fogo* (que se eleva) e a *Água* (que desce e fertiliza): *Espírito* e *Matéria* em



movimento: